

## EXPLORAÇÃO SEXUAL

Aos 17 anos, transexual de MS gerenciava prostíbulo no Paraguai

# Travesti brasileira passa adolescência em boates paraguaias



GABRIEL AGARIE. ESPECIAL PARA O CORREIO DO ESTADO

Rafaela (nome fictício) chegou à maioridade há seis meses, mas conhece a realidade da exploração sexual desde os 14. Nesses quatro anos já morou em bares e boates e atravessou a fronteira com o Paraguai para fazer programas. No país vizinho submeteu-se a prestação de serviços sexuais para policiais, empresários e políticos. Foi gerente de prostíbulo e viu amigas serem mortas. Por R\$ 3 mil atravessou o Brasil para entregar um carregamento de maconha. Histórias como essa não são novidade na rede de garantia de direitos, mas são invisíveis perante as políticas públicas brasileiras que não contemplam as jovens travestis em sua especificidade. Isolados no vazio dessa indiferença, adolescentes acabam tornando-se presas fáceis dos aliciadores.

A exploração sexual entra na vida de Rafaela aos 14 anos. Em casa sofria a pressão dos seus pais e nas ruas encontrava o escape e a liberdade que não tinha no seio familiar. Com amigas começa a frequentar os barzinhos do seu município, Mundo Novo, localizado a 470 quilômetros da Capital.

Nos primeiros programas não havia pagamento monetário, eram apenas ficantes e "namoradinhos" que bancavam bebidas e davam pequenos mimos. Rafaela só começou a receber dinheiro pelos atos sexuais quando saiu de casa e passou a viver em um quartinho, no fundo de um bar.

### Travessia da fronteira

A situação não passou despercebida pela rede de garantia de direitos do município, que realizava ações de fiscalização em pontos de prostituição em busca de adolescentes. A solução foi atravessar a

fronteira. "Não dá pra ficar no Brasil, porque tem que ter idade para se prostituir, então ia pra Salto" relata Rafaela, que na época tinha 15 anos.

Os programas nos prostíbulos paraguaios custam entre 300 mil e 500 mil guaranis (106,35 e 283,60 reais respectivamente). Não há diferença de valores cobrados por mulheres e travestis. Em média são realizados entre três e cinco programas por noite. Existe ainda uma taxa de 50 mil guaranis (17,73 reais) paga pelas jovens por utilização dos quartos em cada programa.

Uma vez "acolhida" pelo prostíbulo, as jovens perdem toda autonomia, inclusive para escolher os seus clientes. "Ali você é obrigado a ficar com qualquer um. Tinha uma menina que apanhava porque não queria ficar com velho. Ali não era um lugar para escolher cliente. Tem que pegar quem tem mais dinheiro", conta Rafaela.



No Paraguai, Rafaela passou por vários prostíbulos e testemunhou que não era a única adolescente sendo explorada. "Lá tem muito 'de menor'. Eu era o único travesti por lá. Tinha mais meninas de 14, 15 anos. Bebiam demais. Caiam de bêbadas.", diz

A embriaguez há duas explicações: Para a primeira é que as garotas recebem uma porcentagem das bebidas destiladas consumidas pelos clientes, a outra é para aguentar o sofrimento: "A exploração sexual é muito ruim porque lá (nos prostíbulos) você apanha. Se você não quiser fazer o programa paga uma multa muito cara. Então, para quem é 'de menor', trabalhar no Salto é muito ruim".

### Cárcere

Não é incomum encontrar pessoas em situação de cárcere privado nos prostíbulos de Salto Del Guairá. São impedidas de sair por terem adquirido dívidas com os proprietários que servem como intermediários na compra de produtos como roupas, calçados, perfumes e cosméticos.

São poucas as pessoas que recebem autorização dos proprietários para saírem dos prostíbulos. Se for adolescente, nem pensar. "As 'de menor' não tinham liberdade para sair. Eles (os proprietários) prendiam na casa porque tinham medo delas fugirem", comenta Rafaela. E mesmo quem tem autorização para sair, paga uma taxa de 100 mil guaranis (35,45 re-

ais) para sair. Tudo é cobrado.

Em sua última estada em Salto, Rafaela passou sete meses como gerente de uma boate instalada em uma chácara "muito longe da cidade e longe do ponto onde passa o ônibus". No local havia uma divisão. Na frente havia cinco quartos usados para os programas com mulheres. Nos fundos, sete quartos eram reservados para as travestis.

Rafaela cuidava da contabilidade dos programas das travestis. "As meninas tinham que dar o dinheiro do quarto e o dinheiro do programa para os gerentes, que marcavam num caderno o que foi feito. Então é separado o dinheiro da casa e o das meninas" explica.

### Volta para o Brasil

Depois de meses trabalhando como gerente, Rafaela decidiu retornar para Mundo Novo. Cansou de sofrer e ver sofrimento. Para pagar a sua dívida, faz um último programa. O valor foi suficiente para pagar a dívida de uma amiga, que há muito estava insatisfeita com as condições que vivia.

Hoje Rafaela mora com os pais. Estão conciliados, mas para isso deixou momentaneamente a condição de travesti. Estabeleceu-se como transformista, ou seja, não adota a identidade de gênero feminina o tempo todo, mas quando há festa na cidade, corre para a casa de uma das amigas para se produzir assumindo sua identidade feminina para as baladas. Está buscando cursos e distribuindo currículo em busca de um emprego. Da realidade que ficou do outro lado da fronteira, quer apenas as experiências que lhe fortaleceram. Vida como aquela, nunca mais.

## Bullying expulsa travestis da escola



ARQUIVO PESSOAL

Claudia critica indiferença de governos para com homossexuais

A vulnerabilidade de jovens homossexuais diante das redes de exploração sexual é agravada pela discriminação e preconceito que sofrem. No caso dos travestis e transformistas (pessoas que não mantêm-se transvestidas 24 horas por dia), a identidade de gênero torna a questão ainda mais sensível.

Muitos adolescentes travestis encontram dificuldades para concluir o ensino médio. Uma das principais causas é o bullying sofrido pelos jovens. "A maioria das travestis é expulsa das escolas por conta do preconceito. É uma raridade ver uma travesti estudando" explica a presidente da Associação de Gays, Lésbicas e Transgêneros de Dourados (MS) e Coordenadora do Centro de Referência e Combate a Homofobia, Cláudia Assunção.

De acordo com Cláudia, os transgêneros são praticamente empurrados para o mercado sexual, pois têm poucas oportunidades de contratação em outros serviços. "A travesti pode ter um bom currículo e ser qualificada, mas o mercado de trabalho não abre as portas para trabalhar. As pessoas dizem 'fulano não quer trabalhar', mas como é que vai trabalhar se o mercado de trabalho não abre as portas?" questiona.

Cláudia reclama da falta de políticas públicas que atendam às especificidades e da indiferença política. "No Mato Grosso do Sul as ações ainda são fracas. Por diversas vezes denunciávamos uma cafetina que em Dourados agredia as meninas com uma corrente. E nunca foi feito nada", indigna-se. (GA)

## Da exploração ao tráfico: por R\$ 3 mil, adolescente atravessa o País com maconha

Vítima da exploração sexual, Rafaela também foi usada por outra rede criminoso: o tráfico de drogas. Ainda adolescente, percorreu 2,5 mil quilômetros entre Mundo Novo (MS) e Porto Velho (RO) para transportar 16 tabletes de maconha. Depois de completar 18 anos a jovem decidiu não mais servir de "mula" com medo de ser presa.

Grandes somas de dinheiros e a falsa sensação de impunidade têm levado muitos jovens de Mato Grosso do Sul a tornar-se mulas do tráfico. Muitos alegam que mesmo se forem apreendidos por fiscalizações das polícias Rodoviária Estadual e Federal, não ficam "presos" por muito tempo. "Um jovem pode ficar de 35 a 45 dias preso se forem pegos. O tempo diminui se os pais forem buscar", explica Rafaela.

Por sua condição geográfica, os municípios da fronteira tornam-se corredores de rotas do tráfico de drogas. E as quadrilhas de traficantes têm se aproveitado das populações locais para o recrutamento. A maioria encontra-se em situação de vulnerabilidade social, e muitos são aliciados em áreas de exploração sexual.

Rafaela foi aliciada no bar de uma amiga. "O traficante ofereceu para a dona do bar três mil reais para fazer o transporte. Ela se recusou, mas eu precisava de dinheiro para pagar algumas dívidas, então aceitei", relata.

### Transporte

Para transportar a maconha, Rafaela foi orientada a tomar algumas medidas de precaução. Antes do embar-

que, enrolava as drogas em volumes de papel e passava perfuma no pacote. A ação era para "não empestar o ônibus" com o cheiro da droga.

Pouco antes do embarque os traficantes telefonavam para o receptor em Porto Velho, passando a descrição das roupas usadas por Rafaela. "Para me identificar era fácil, pois era a única travesti do ônibus", diz.

O pacote com a maconha era embarcado dentro de uma bolsa que por sua vez ficava dentro de uma mochila. O objetivo era evitar que a bolsa com a droga fosse etiquetada pela empresa de transporte no momento do embarque, dificultando a ligação entre a substância ilícita e a adolescente.

Após embarcar, Rafaela retirava da mochila a bolsa com a maconha e a escondia debaixo do assento do último banco, próximo ao banheiro. Com a droga "segura" a jovem sentava-se em uma poltrona localizada no meio do ônibus, onde permanecia, longe de suspeitas, até chegar ao seu destino. Em nenhuma das três viagens realizadas pela adolescente a Porto Velho houve fiscalização.

Com o desembarque em Porto Velho, Rafaela esperava até o último passageiro descer para recuperar a maconha escondida. Em seguida, fazia contato com os receptores rondonienses. "Eles me levavam de carro para uma casa. Conferiam a droga e me pagavam, em dinheiro", explica.

Apesar dos valores recebidos, nem sempre a viagem era

## Rota do tráfico

Caminho percorrido por adolescentes de MS para entregar drogas no norte do País



satisfatória financeiramente. "Algumas vezes cheguei aqui sem nada. Acabava gastando no Shopping, no salão de beleza. Fazia compras" confessa Rafaela.

Desde que completou 18 anos, Rafaela relata ter se mantido longe das drogas.

Além do medo de ser presa, tenta evitar uma recaída. Durante seis meses, foi viciada em crack. "Deixei de usar desde que voltei para a casa dos meus pais. Tento não ficar perto de gente que é viciada para evitar uma recaída", finaliza. (GA)